
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

CRÔNICA: UMA CRÍTICA VELADA

Fernando Moreno da Silva
(UNESP Araraquara)

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre um estudo da crônica, partindo-se do pressuposto de que o riso do qual a crônica se vale para o tom lúdico é capaz de amenizar as tensões e derrubar tabus. Embora aparente despropósito, esse gênero tem grande poder de crítica. Tomar-se-á, como objeto de análise, a crônica “O Sítio do Ferreirinha”, de Luís Fernando Veríssimo.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Riso; Crítica.

1. A crônica

Quando se fala deste formato de texto, a primeira noção que dele se tem é a sua relação com o jornalismo, tendo como eixo central entre eles a referência a um “fato”. Sem embargo do cotidiano ser o denominador comum que os aproxima, os objetivos de ambos são nitidamente acentuados. O jornalismo prima pela atenção depositada única e exclusivamente no fato, sendo, portanto, seu fim. À crônica, no entanto, o fato é um alibi, um pretexto, do qual o cronista tira proveito. Em termos gerais, ao jornal, o fato é um objeto terminal, ao passo que ao cronista, um objeto mediador, uma vez que a crônica dialoga primeiro com o leitor, depois com a notícia. Traçando, por assim dizer, um paralelo entre os dois modos de construção discursiva, pode-se apresentar a relação dicotômica entre textos descritivo e interpretativo.

O texto descritivo se constrói pela objetivização, recorrendo ao conhecimento do espaço exterior referencial. Com tal recurso, cria-se o efeito de sentido da existência de uma matéria-prima — acontecimento — anterior à feitura do discurso. É a relação entre realidade do mundo extratextual e a realidade do mundo intradiscursiva, marcada pelas categorias proeminentes da /anterioridade/ e /objetividade/. Na segunda tipologia, o interpretativo, o efeito que sobressai é o da subjetivização, com imbricação dos espaços interno (eu) e externo (ele). Agora, essa composição apresenta-se como uma reflexão sobre o saber já colocado pelo texto descritivo, que passa a ser um referente intratextual. Por retomar um texto previamente produzido, o sujeito cognitivo da interpretação é o enunciatário do

texto descritivo. Nesse sentido, o fazer-interpretativo se configura pelas categorias da /posterioridade/ e da /subjetividade/. Sendo o texto descritivo o responsável pela introdução de um saber a ser retomado, e o interpretativo incumbido dessa reflexão, pode-se apontá-los, respectivamente, como língua-objeto e metatexto. Em outras palavras, a descrição é o jornalismo, e a interpretação, a crônica.

Filha direta do jornal, seu maior prestígio é o vínculo com o dia-a-dia. Afinal, o cronista é um “prosador do cotidiano”. Dentro de uma prosa livre, com estilo descolado e longe dos grilhões da rigidez, a crônica pode tratar de qualquer assunto. E para acrescentar elegância a esse cotidiano, ela se vale da criatividade artística da literatura. Não no seu sentido próprio, com pompa, mas revestindo o texto de leveza e, quase sempre, do risível: “A busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas” (Sá 1985: 23). Fruto da miscelânea entre jornalismo e literatura, é gênero híbrido: a objetividade do jornalismo com a subjetividade da criação literária, unindo código e mensagem.

Embora seja um “gênero menor” em comparação com outros formatos literários, como romance, drama ou poema, é o tipo de obra mais próximo do cidadão comum. O efeito da leitura da crônica é o de “proximidade”, que dá a percepção de algo já conhecido, trivial. Na mente do leitor, é esse o efeito que se cria, na medida em que esse receptor se sente um participante de um mero bate-papo. Essa aproximação com o que há de mais natural é expressa, entre as várias formas, pela apropriação de características da modalidade falada, ainda que o gênero pertença à modalidade escrita. Por esta razão, imediatismo e gratuidade estão sempre nela presentes: “A crônica é então vista como comentário de acontecimentos diários, de assuntos marcantes, um assunto entre vários outros possíveis é eleito, ao acaso, pela vista ou mente do narrador.” (Marchezan 1989: 97)

Enquanto a notícia de jornal deve pautar-se pela importância e pelo interesse que o assunto pode trazer ao leitor, a crônica aborda qualquer assunto, importante ou não. A própria falta de motivação já é um pretexto para escrevê-la. O interesse que a crônica desperta não provém do que ela conta, mas como ela o faz. Certamente, esse é um de seus atributos: transformar o acontecimento insignificante em algo significativo, porquanto seu tratamento volta-se àquilo que passaria despercebido caso não fosse o olhar atento do cronista.

Contudo, por trás dessa aparente despreensão, está um profundo significado. Com um ar de preocupada, subjazem contundentes críticas sociais e preciosidades para o leitor explorar. O riso da crônica não é uma escapatória, tampouco uma “polidez do desespero”. Antes de tudo, é uma forma de enfrentar a insipidez e as ameaças, expressando a indignação diante dos horrores e injustiças da vida cotidiana:

Caro Sr. Presidente da República Federativa do Brasil. Venho por meio desta comunicação manifestar meu total apoio ao seu esforço de modernização do nosso país. Como cidadão comum, não tenho muito mais a oferecer além do meu trabalho, mas já que o tema da moda é Reforma Tributária, percebi que posso definitivamente contribuir mais. Vou explicar: na atual legislação, pago na fonte 27,5% do meu salário. Como pode ver, sou um brasileiro afortunado. Sou obrigado a concordar que é pouco dinheiro para o governo fazer tudo aquilo que promete ao cidadão em tempo de campanha eleitoral. Mesmo juntando ao valor pago por dezenas de milhões de assalariados! Minha sugestão é invertermos os percentuais. A partir do próximo mês autorizo o Governo a ficar com 72,5% do meu salário.

Portanto, eu receberei mensalmente apenas 27,5% do resultado do meu trabalho mensal. Funcionará assim: fico com 27,5%. Limpinhos, sem qualquer ônus. O governo fica com 72,5% e leva as contas de: Escola, Convênio médico, Despesas com dentista, Remédios, Materiais escolares, Condomínio, Impostos municipais, estaduais e federais, Água, luz, telefone e energia, Supermercado, Gasolina, Vestuário, Lazer, Pedágios, Cultura, CPMF, IPVA, IPTU, ICMS, Taxa municipal do lixo, segurança, Previdência privada e qualquer taxa extra que porventura seja repentinamente criada por qualquer dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Um abraço Sr. Presidente e muito boa sorte, do fundo do meu coração!

Ass.: Um trabalhador que já não mais sabe o que fazer para conseguir sobreviver com dignidade.

(Brandão, I. L. Uma proposta ao governo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. D14, 30 jul. 2004)

Com a aparência de texto descompromissado, a crônica capta o acontecimento sob a forma de reflexão, recheando-se com o artesanato da literatura e com a malandragem para transformar o fato real em versão recriada.

“Por se abrigar neste veículo transitório [o jornal], o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade” (Candido 1992: 14). Essa é a idéia de efemeridade que se tem da crônica, porque foi feita originalmente para o jornal. Entretanto, quando ela passa para o livro, fica a sensação de que ela superou a transitoriedade para tornar-se eterna. A durabilidade da crônica, portanto, é muito maior do que se imagina.

2. A construção do risível

Um dos recursos do cronista para a leveza de seu texto é o emprego do efeito de sentido do riso. O risível pode ser suscitado por diversos recursos, entre os quais se destacam: comicidade, humorismo, ironia, caricatura, paródia e sátira.

Cômico é a simples constatação do contraste, sem reflexão; é exatamente uma advertência do contrário. Cumpre acrescentar também que “o riso não nasce apenas da presença de defeitos, mas de sua ‘repentina e inesperada’ descoberta” (Propp 1992: 56). A partir do momento em que se analisa esse contraste, aprofundando-o com empatia, tem-se o humor. “Através do ridículo desta descoberta verá o lado sério e doloroso, desmontará esta construção, mas não apenas para rir dela; e oxalá que, no lugar de desdenhar-se dela, rindo, compadeça-se” (Pirandello 1996: 156). O humor, portanto, nasce de uma reflexão, é o “sentimento do contrário”.

Um exemplo para esclarecer: É noite, com intensa tempestade; de repente, avista-se um homem de pijama correndo debaixo de chuva torrencial. Esta é uma situação, no mínimo, estranha. Está-se diante do contrário, pois, normalmente, ninguém sai às ruas de pijama, ainda mais sob forte chuva. À primeira vista, é uma situação cômica. Se se descobre, porém, que o misterioso homem saiu daquela maneira por causa do filho que passava mal em casa, estando desesperado à procura de ajuda, a situação se inverte. Refletindo sobre o fato, desperta-se a compaixão naquele que assiste ao fato. Doravante, a tolerância

pelo diferente dilui o ataque e o espectador apóia a atitude do pai. Passa-se do escárnio à comisseração, entrando no humor.

O humor é profundo, reflexivo, mais complexo. É mistura do riso e da dor, do riso de rejeição e da acolhida. É o riso melancólico, e discreto, e complacente, o rir do outro e de si mesmo. Pode-se até dizer que, no campo do risível, o humor é o lado mais rico desse comportamento humano, uma vez que trabalha com a condição humana, uma reflexão que trata com amenidade os temas dolorosos e tristes. O humor deixa entrever, na relação com os outros, sua natureza benevolente e positiva, muito próxima ao riso bom.

Outro recurso para o riso é a ironia, muito utilizada para exprimir o contrário do que se pensa. Ela assenta num jogo dialético: afirma para negar e nega para afirmar. As palavras expressam o contrário da idéia que se pretende exprimir, mas se insere na mensagem um sinal que, de certa forma, previne o destinatário das intenções do enunciador, ficando subentendido que tal recurso foi usado propositadamente. Dessa forma, o ironista pode muito bem apresentar como valorosa uma realidade que ele trata de desvalorizar.

Conforme enuncia Alain Berrendonner, “a ironia distingue-se das outras formas de contradição pelo fato de ser uma contradição de valor argumentativo” (Brait 1996: 88). Por isso, além de estar classificada como figura de pensamento e de palavra, a ironia é vista como um importante recurso argumentativo, pois confere ao ironista, mediante a argumentação indireta, a possibilidade de lançar contra algum alvo suas críticas para porem a nu verdades que não são ditas abertamente. Envolve-se, nesse jogo, um trio actancial: o emissor (1) dirige o discurso irônico a um receptor (2), para atacar um terceiro (3), o alvo da ironia. O excerto citado abaixo se refere a uma reportagem que cobriu o vestibular da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), observando que no dia em que se realizaram as provas, a igreja da instituição estava completamente vazia. Na fala do estudante, lança-se uma boa ironia: “No segundo dia de prova do vestibular da universidade, nenhum estudante foi ao local [a igreja] apelar para Deus na última hora. ‘Nessas horas é melhor invocar Albert Einstein’, brinca estudante Marcos Nogueira, 18 anos” (Faria 2004: A4).

Talvez uma das razões cruciais para o seu uso esteja na grande vantagem de se evitar a exposição direta aos ataques e às críticas, ou de outras intenções que se queira atingir. Mas essa mesma prerrogativa pode muito bem se transformar numa desvantagem. Isso ocorre quando ela é mal-interpretada ou quando o seu destinatário não se der conta do jogo irônico. Ela simplesmente não terá lugar, ficando como que ausente no discurso. Por isso, antes de mais nada, o primeiro efeito criado pela ironia será a identificação de sua presença.

Quanto à sátira, ela exige pleno conhecimento do satirista sobre o conteúdo que será alvo de seus ataques, e uma correspondência de quem os lê. A sátira explora mais a ideologia, a ética, figurando como uma arma crítica e agressiva, que está ligada à desmistificação dos costumes, da política e da ordem vigente. Longe da intenção de analisar uma poesia, esse poema se mostra como uma crítica dirigida ao homem capitalista, vaticinando a ele um destino lúgubre:

EPITÁFIO PARA UM BANQUEIRO

n e g ó c i o
e g o

ó c i o
0
(Paes 1986: 90)

Muito próxima da sátira está a paródia, uma imitação burlesca que explora, sobretudo, a estética e a linguagem. É possível parodiar tudo: movimentos e ações de uma pessoa, a fala, os hábitos de uma profissão e tudo o que é criado pelo homem no campo do mundo material. Contrapondo o racionalismo à loucura, José Paulo Paes brinca com o princípio cartesiano “Cogito, ergo sum” (Penso, logo existo). Mediante um procedimento de análise fonológica — comutação de fonemas —, o poeta procede a um trocadilho com a última palavra ao substituir a fricativa coronal-alveolar surda /s/ pela oclusiva bilabial surda /p/, introduzindo a interjeição com um vocábulo onomatopéico: pum!

O SUICIDA OU DESCARTES ÀS AVESSAS

cogito
ergo
pum!
(Paes 1986.: 108)

A caricatura acentua, de forma ridícula e hiperbólica, os detalhes de uma pessoa ou fato, deformando-o. Além da não-verbal, típica de figuras e desenhos, há também a caricatura verbal:

Os companheiros de classe eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia. O Gualtério, miúdo, redondo de costa, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio — palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o bicanca, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foice;
(Pompéia 1976: 42)

E cada um dos recursos precitados do riso pode aparecer sob formas variadas: chiste, epigrama, sainete, crônica... Em cada uma, um estilo, um charme.

Figurando entre o chiste e o provérbio, o epigrama é uma espécie de poema conciso, de tom jocoso:

A filha do gramático ajuntou-se e teve uma criança
Do gênero masculino, feminino e neutro.
(Paladas 1993: 57)

Sainete, uma breve e pitoresca peça dramática. No exemplo abaixo, o riso é despertado, além das circunstâncias, pela mistura de estilos arcaico, macarrônico e popular:

Em casa do X, literato e jornalista — (Ele está sentado a escrever um artigo;
Entra a senhora de mansinho).
A Senhora. — Está aí o homem da venda. Podes dar-lhe algum dinheiro?

X, largando a pena. — Onde queres que o vá buscar?
A S. — Mas que lhe devo dizer?
X. — Não lhe digas nada; manda-o entrar; dar-lhe-ei uma desculpa. (A senhora abre a porta que dá para o corredor, e fez entrar o homem da venda) Meu caro sr. Ribeiro, ainda hoje não lhe posso pagar... O jornal ainda não me pagou o ordenado! Não tenho vintém em casa!
O Homem da Venda.— Nam vim pedir dinheiro a vosseoria; bem sei que vosseoria o não tem; vim dar-lhe um conselho! [...] Faça uma cunferência no tal Anstituto de Musica. [...] Só sei que é uma coisa que dá dinheiro a ganhar aos litratos.
X. — Ora adeus! Tem razão, Sr. Ribeiro! Vou fazer uma conferência! Mas qual há de ser o assunto?
O H. da V. — Os impostos, que são de levar couro e cabelo!
X. — Isso não se presta a uma conferência literária! (com uma idéia). Ah! Já tenho um assunto: “Os credores”
O H. da V. — Bravo! Só assim eu iria ao tal Anstituto!
X. — Para me ouvir falar?
O H. da V. — Nam senhor; para receber a conta.
(Azevedo 1977: 108-109)

3. Análise da crônica “O Sítio do Ferreirinha”

A crônica consiste em descrever a mudança de estado pela qual passa um homem. De sedentário e gordo, o sujeito se transforma quase num esportista. Para caracterizar seu primeiro estado, o narrador não lança mão da descrição. Ele prefere narrar fatos. Na primeira situação, faz uso da ironia para ilustrá-lo como preguiçoso: “Você abre a porta [carro inglês] e já está na calçada. Não precisa dar toda aquela volta”. A forma como foi apresentada esta situação baseia-se no chiste. Como se sabe, a anedota está assentada numa técnica, como a empregada no texto. Primeiro, foi colocada uma afirmativa: o desejo de ter um carro inglês. A curiosidade suscitada por tal colocação irá resultar numa quebra de expectativa. Afinal, ao mencionar carro inglês, o que se espera é o luxo e requinte de um veículo importado. Mas a resposta da mulher desvia o sentido esperado: a facilidade para descer à calçada, devido à direção no lado direito. Essa piada, além de criar o efeito de sentido do riso, serve para intensificar o quanto era grande sua preguiça.

Logo em seguida, será a vez de figurativizar sua gula ou compulsão por doces, valendo-se, para isso, da narração de uma cena cômica: perseguição de mães e babás por causa do pirulito roubado da criança.

Esses dois episódios narrados, risíveis, respectivamente, pela quebra da expectativa e pela comicidade, têm a função principal de mostrar como é grande a indisposição do marido para largar naturalmente de seus vícios nada saudáveis.

Nesse primeiro estado, o marido se caracteriza como um sujeito realizado com sua esposa. A performance pressuposta consiste na consecução de conquistar sua esposa para um casamento. De posse de sua mulher, não há mais por que se preocupar com a aparência física. Esse é o motivo pelo qual o marido não se esforça para emagrecer nem para manter uma boa forma. É a idéia do objetivo alcançado, de que conquistada uma vez, a mulher terá a obrigação de suportá-lo para sempre. Do ponto de vista de sua existência modal, o sujeito

possui um “poder” (há todas as possibilidades para ele fazer uma dieta e exercícios), um “dever” (os cuidados com o corpo é uma necessidade à saúde), um “saber” (tem todo um acompanhamento médico para lhe auxiliar), mas não “quer” estar de bem com a saúde e a boa forma física.

Esse estado inicial de comodismo tematiza o egoísmo com que muitos maridos se comportam perante a família. Se a mulher insistia com o marido para que ele fizesse uma dieta rigorosa e praticasse exercícios é porque ela se preocupava com seu bem-estar. A displicência dele poderia trazer conseqüências graves à família. Qualquer dano proveniente de seu desregramento, como as doenças da obesidade — pressão alta, enfarto, etc., por exemplo, causaria traumas à mulher — uma viúva que teria de tratar de seus filhos sozinha — e aos filhos — que cresceriam sem o apoio de um pai por perto.

Contrapondo-se ao primeiro estado, passa-se à descrição de um homem renovado, caracterizando o segundo estágio: “Corria todas as manhãs; Cortara completamente os doces; Agora fazia abdominais no meio da sala. Volta e meia se olhava no espelho, alisava a barriga.” Realmente esses hábitos impressionam se comparados ao sedentarismo de outrora. Nada mais justo, portanto, a denominação usada pela mulher para definir o processo por que passa o novo marido: milagre. Para usar tal denominação, ela parte de uma definição extradiscursiva, ou seja, qualificando o verbete “milagre” como algum acontecimento espantoso, que não se pode explicar.

Ao médico, porém, a mudança não se caracteriza como milagre. Ao invés da denominação, ele usa a definição para as causas do segundo estado: “Sítio do Ferreirinha; muitas mulheres; os mais rápidos pegavam as mais bonitas. Os mais gordos e fora de forma não pegavam nenhuma.” Embutida em sua avaliação, não julgando a nova disposição do paciente como milagrosa, está uma interpretação de cunho sócio-histórico. Na sociedade brasileira, em que vige ainda o predomínio incondicional de uma visão machista, considera-se de todo justificável qualquer sacrifício quando se trata de possuir uma mulher.

Essas duas visões distintas, ora concebendo ingenuamente a mudança como milagre, ora considerando-a uma normalidade sob o ponto de vista social, manifestam, por meio da comicidade, uma crítica à dicotomia da sexualidade: machismo versus feminismo.

O médico, ainda que ao cabo do texto condene a atitude do marido (“Que raça.”), incorpora, durante a explicação, uma visão vigente na sociedade, típica do machismo exacerbado: a necessidade de praticar o instinto (“...os homens saíam correndo atrás”); a mulher como objeto (“A corrida do Ouro”); exibir sua virilidade (“Quem pegasse uma ficava com ela para passar a noite”); escolher a parceira pela beleza (“Os mais rápidos pegavam as mais bonitas”); ambição (“Sempre querem treinar mais um pouco”). Do ponto de vista masculino, os motivos que levavam o marido a ter boa forma eram louváveis e totalmente justos.

Nessa perspectiva, o médico instaura um novo sujeito, através do valor modal “querer” possuir lindas mulheres, e também o qualifica para um “poder” (O sítio do Ferreirinha era o oásis que lhe proporcionaria a oportunidade) e para um “saber” (sua condição física era diretamente proporcional à conquista das melhores mulheres). Portanto, ele passa a ser um sujeito que quer, deve, pode e sabe fazer dieta e entrar em forma, já que para alcançar sua meta (lindas mulheres) ele precisaria antes melhorar seu aspecto físico.

Uma outra questão que ratifica a crítica ao machismo é o percurso figurativo da ida da mulher ao médico. Tal percurso (“A mulher ficou tão intrigada que foi procurar o novo

médico dele”) irá recobrir o tema da submissão feminina. É a idéia de que à mulher cabe somente o papel de cuidar da casa e do marido.

Como se observa, o principal mecanismo usado pelo enunciador para criar o efeito de sentido do riso tem sua causa na modalização do sujeito, sobretudo mostrando a facilidade com que o sujeito foi manipulado. Mediante uma voz machista incorporada à narrativa, o enunciador trata o sujeito-manipulado marido como um fantoche. Inicialmente manipulado pela sedução com extrema facilidade (“Nada mais fácil.”), o marido corre rumo a um desenfreado regime disciplinar de dietas e exercícios sem sequer conferir a veracidade da proposta do médico: “Mas nenhum se acha em condições. Sempre querem treinar mais um pouco.”

A construção dos efeitos risíveis tem a função de mostrar a irracionalidade do homem, que fica “cego” quando age por instinto. Nesse sentido, o texto é uma sátira, descortinando e criticando o acanalhamento do ser humano, que, apesar da evolução no tempo, continua ainda a ser um animal, às vezes, um polichinelo, como foi o caso do texto dissecado, quando da busca de saciar seus instintos.

Essa crônica é um exemplo típico da função coercitiva do riso, estabelecida por Bergson, para corrigir as incorreções sociais. Segundo o filósofo francês, o riso tem uma função social para corrigir as infrações e revelar os defeitos:

O riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingá-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade. (Bergson 1983: 99-100)

Conclusão

Pode-se perceber, portanto, que a crônica se vale do recurso do riso para tratar de assuntos polêmicos e, por vezes, proibidos. Esse efeito de sentido é um meio para se chegar a um fim. Ao lado da ironia, sátira e outros recursos risíveis, o cronista toca de forma aparentemente despreziosa em temas delicados, que talvez implicaria a ira, caso fossem abordados com seriedade.

Para ilustrar o funcionamento do riso na crônica, é possível empregar uma metáfora. O xingamento de uma criança dirigido a um adulto seria encarado com naturalidade, interpretado como uma infantilidade. Porém essas mesmas palavras desonrosas, proferidas por um adulto, seriam encaradas como uma ofensa inadmissível. O riso, dessa forma, é o moleque travesso que tem a permissão de falar livremente sem ser repreendido, caindo nas graças.

Esse efeito risível é, pois, uma ousadia: causa a estranha para distrair, mas, por trás dessa aparente ingenuidade, verdades são escamoteadas. Horácio, poeta da Antigüidade Clássica (65 a.C — 8 a.C), resumia um modo de dizer a verdade: *Ridendo dicere verum* (Rindo, a verdade é dita). A antiga Literatura Latina repisa esse pensamento com o mesmo mote: *Ridendo castigat mores* (Rindo, os costumes são castigados).

O que se conclui deste trabalho é que a leitura do texto humorístico em si é uma grande ironia. As pessoas estão, no dia-a-dia, acostumadas às indiretas, às alfinetadas que visam atacar alguém, enfim, a ironia propriamente dita. Mas quando se fala desses textos,

como os de Veríssimo, a imagem que se tem é de uma leitura meramente infundada, cujo fim é tão-somente suscitar o riso. Trocando em miúdos, a ironia, intrinsecamente ligada ao comportamento humano, quando passada para o papel, não é entendida a contento, ao menos pela maioria dos leitores.

OBRAS CITADAS

- AZEVEDO, A. 1977. *Teatro a vapor*. Organização, introdução e notas de Gerald M. Moser. São Paulo: Cultrix / INL - MEC.
- BERGSON, H. 1983. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRAIT, B. 1996. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- CANDIDO, A. 1992. *et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- FARIA, J. de. 2004. PUC: vestibular, bolacha e Einstein. *Jornal da Tarde*, São Paulo, p. A4.
- MARCHEZAN, R. M. F. C. 1989. *A gramática fugaz: articulações de sentido na crônica brasileira contemporânea*. 157f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.
- PAES, José Paulo. 1986. *Um por todos: poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense.
- PALADAS, A. 1993. *Epigramas*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 83 p.
- PIRANDELLO, L. 1996. *O humorismo*. São Paulo: Experimento.
- POMPÉIA, R. 1976. *O Ateneu: crônicas de saudades*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL.
- PROPP, V. 1992. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática.
- SÁ, J. de. 1985. *A crônica*. São Paulo: Ática. (Série princípios)
- VERÍSSIMO, L. F. 2001. *As mentiras que os homens contam*. São Paulo: Objetiva.

CHRONICLE: ONE VEILED CRITIQUE

ABSTRACT: The present work has the purpose to discourse a chronicle's study, leaving the estimated point that the laugh which the chronicle takes part for the playful tone is capable to brighten up the tensions and knock down taboos. Although apparent nonsense, the chronicle has great power of critical and will overcome as object of analysis Luis Fernando Veríssimo's chronicle, "O Sítio do Ferreirinha".

KEYWORDS: Chronicle; Laughter; Criticism.